



BENZEÇÕES, LIVRAMENTOS E CURAS: CULTURA, ESPIRITUALIDADE E CIÊNCIA

doi: [10.25247/paralellus.2025.v16n38.p209-219](https://doi.org/10.25247/paralellus.2025.v16n38.p209-219)

DELAÇÃO DO MAL EM JEREMIAS 22,1-5¹

DENUNCIATION OF EVIL IN JEREMIAH 22,1-5

DENUNCIA DEL MAL EN JEREMÍAS 22,1-5

*Karine Teixeira**

RESUMO

O presente artigo tem o objetivo de discorrer sobre a denúncia do mal na profecia de Jeremias 22.1-5, no contexto do imperialismo babilônico sob dois aspectos: a opressão do império subjugador e a desobediência do povo. A problemática é norteada por duas hipóteses que se confirmam num contexto sociopolítico-econômico-religioso de desgraça, inúmeras ações violentas, inclusive de derramamento de sangue inocente (Jr 22,4), em que as denúncias do mal enfatizadas pelo profeta recaem, sobretudo, sobre as ações dos judeus oprimidos, também em consequência de sua desobediência a Yahweh. O artigo faz uma interpretação da literatura sagrada no modelo sociológico conflitual, a partir da perspectiva do profeta, oprimido e violentado, tanto pela casa real quanto pelo seu povo, que igualmente exercia opressão e violência sobre o profeta, mas também as sofria tal qual aquele.

Palavras-Chave: Profecia; Violência; Mal; Delação.

ABSTRACT

This article aims to discuss the denunciation of evil in the prophecy of Jeremiah 22:1-5, in the context of Babylonian imperialism, from two aspects: the oppression of the subjugating empire and the disobedience of the people. The problem is guided by two hypotheses that are confirmed in a sociopolitical-economic-religious context of misfortune, countless violent actions, including the shedding of innocent blood (Jer 22:4), in which the denunciations of evil

¹ O resumo deste artigo foi publicado em O inferno e outros espaços sobrenaturais: Caderno de Resumos da IV Semana Infernal. CRUXEN, Edison; MENDONÇA JUNIOR, F. P. S.; SILVEIRA, Aline D. (Org). Florianópolis, 2021.

* Doutora em Ciências da Religião (2020-2023), bolsa CAPES, mestrado em Serviço Social (2017), bolsa FAPEG, e graduação em Serviço Social (1998), financiamento CREDUC, pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás, especialização em Educação Especial, pela Faculdade Michelangelo (2005). E-mail: karinemrt@yahoo.com.br.



emphasized by the prophet fall mainly on the actions of the oppressed Jews, also as a consequence of their disobedience to Yahweh. The article interprets sacred literature in the sociological conflictual model, from the perspective of the prophet, oppressed and violated, both by the royal house and by his people, who equally exercised oppression and violence over the prophet, but also suffered them just like him.

Keywords: prophecy; violence; evil; denunciation.

RESUMEN

Este artículo pretende discutir la denuncia del mal en la profecía de Jeremías 22.1-5, en el contexto del imperialismo babilónico bajo dos vertientes: la opresión del imperio subyugante y la desobediencia del pueblo. El problema está guiado por dos hipótesis que se confirman en un contexto sociopolítico-económico-religioso de desgracias, de innumerables acciones violentas, incluido el derramamiento de sangre inocente (Jer 22,4), en el que caen las denuncias del mal subrayadas por el profeta, sobre todo, sobre las acciones de los judíos oprimidos, también como consecuencia de su desobediencia a Yahvé. El artículo interpreta la literatura sagrada en el modelo sociológico conflictual, desde la perspectiva del profeta, oprimido y violado, tanto por la casa real como por su pueblo, que igualmente ejercía opresión y violencia sobre el profeta, pero también las sufría al igual que él.

Palabras clave: profecía; violencia; demonio; denuncia.

1 INTRODUÇÃO

O artigo tem o objetivo de discorrer sobre a delação do mal na profecia de Jeremias 22.1-5. É fato que o imperialismo babilônico foi um dos mais bárbaros, agressivos e violentos da história de Israel, reproduzindo as tecnologias criadas pelos assírios para oprimir povos subjugados. Ao que parece, o povo de Judá reproduz essa maldade no seu cotidiano. Dois aspectos norteiam a análise sobre a delação do mal na profecia de Jr 22.1-5: a opressão do império subjugador e a desobediência do povo. A delação do mal, feita pelo profeta, retrata uma realidade que a literatura sagrada omite nos versos da perícope, mas que a leitura conflitual nos permite desnudar.

Na profecia clássica de Jeremias, o caráter delatório recai sobre a ação praticada pelo povo judeu ou pelo império babilônico? O povo judeu é oprimido por causa de sua desobediência a Yahweh? Essas perguntas problematizam a discussão considerando como primeira hipótese que o profeta delatara o que foi necessário, independente de quem comete a maldade, pois fala da realidade social da sua época. Como segunda hipótese sinalizamos o fato de que considerando que o povo de Yahweh deveria obedecer a aliança davídica, as profecias recaíam como um alerta, isto é, se o povo fosse obediente, os males não lhes sobreviriam. De forma que a desobediência do

povo judeu também se configura como ação do mal, contrária ao bem, evocado por Yahweh (SANFORD, 2019).

A linha do tempo que acompanha a vida do profeta Jeremias é abrangente e pode ser esquematizada segundo os reis e seus reinados: Amon (642-640), Josias (640-609), Joacaz (3 meses), Joaquim (609-598), Jeconias (3 meses) e Sedecias (597-586) (SICRE DIAZ e ALONSO SCHÖKEL, 1981). Para fins deste artigo, o escopo limita-se ao reinado de Sedecias. O artigo interpreta a literatura sagrada no modelo sociológico conflitual, a partir da perspectiva do profeta, oprimido e violentado, tanto pela casa real quanto pelo seu povo, que igualmente exercia opressão e violência sobre o profeta, mas também sofria tal qual aquele.

Neste panorama, o mal delatado pelo profeta Jeremias é o mal moral advindo de “possíveis motivações negativas existentes no coração mesmo dos seres humanos” (SANFORD, 2019, p. 15), mas que dependerá sempre do ângulo do observador. Nosso ângulo de análise é o que permite enxergar a vida do profeta e do seu povo, a partir de um Deus que determina o “padrão objetivo ou absoluto, graças ao qual é possível discernir entre o que é verdadeiramente bom ou mau” (SANFORD, 2019, p. 16). A exposição principia com a caracterização sobre a vida do profeta Jeremias e sua relação com a sociedade. Ato sequente é a exposição do mal como criação de Yahweh e a caracterização do contexto social no período do reinado de Sedecias subjugado pelo império babilônico. Por fim, as delações do profeta acerca do mal.

2 O PROFETA JEREMIAS

Jeremias é o profeta cuja vida melhor conhecemos, porque há vários textos biográficos no livro homônimo que falam das suas vicissitudes e que compartilham suas dúvidas, inquietações, desabafos e temores, com fortes indícios para exprimir sua personalidade (SICRE DIAZ e ALONSO SCHÖKEL, 1988). Seu nascimento se deu por volta de 650, em Anatot, um pequeno povoado próximo a Jerusalém, cerca de 6 km (SICRE DIAZ e ALONSO SCHÖKEL, 1988). Era um jovem agricultor, de vida campestre (ROSSI, 2015). O seu pai se chamava Helcias e o nome da sua mãe é omitido. Jeremias era benjaminita, próximo às tradições das tribos do Norte, de família sacerdotal antiga, exilada e de oposição (SICRE DIAZ e ALONSO SCHÖKEL, 1988;

MESTERS, 2016). Há uma possibilidade de que um de seus antepassados fosse o sumo sacerdote Abiatar, sacerdote no tempo do Rei Davi, quase 400 anos antes.

Sobre a sua vida pessoal, Mesters (2016) relata que em Anatot também morava a sua namorada ou noiva (12,7), a quem o profeta chamava de “minha amada”, o “amor da minha vida”, porém Jeremias não chegou a casar-se. Parece que teve irmãos ou irmãs (12,6). Era uma pessoa extremamente sensível e sincera, com forte sentimento de justiça. Contemporâneo do rei Josias, em 626, Jeremias foi chamado ao ministério profético. Tinha 18 anos de idade e “teve dificuldade em aceitar ser profeta, pois pressentia que esse tipo de missão lhe traria grandes incômodos e embaraços na sua vida” (SCARDELAI e VILLAC, 2007, p. 108).

Jeremias defende a obediência à Babilônia como direção divina para o povo de Judá. Seu lúcido reconhecimento da superioridade babilônica é considerado falta de patriotismo e o leva à prisão em masmorra. “Sofreu perseguições e foi rejeitado pelas principais autoridades de seu tempo” (SCARDELAI e VILLAC, 2007, p. 108). Em 586, depois da segunda deportação de alguns habitantes de Jerusalém para o exílio babilônico, estes lhe oferecem salvo-conduto, mas Jeremias recusa a oferta e desterra-se para o Egito, onde morre em data não conhecida. “Segundo lendas da época, o profeta foi vítima de morte por apedrejamento, por volta de 580” (SCARDELAI e VILLAC, 2007, p. 110).

3 YAHWEH COMO CRIADOR DO BEM E DO MAL

A vida do profeta Jeremias permite inferências acerca de Yahweh, como criador do bem e do mal com assento em Sanford (2019). Uma vida de sofrimento, esteve sob constante ameaça do mal que não pôde evitar. Concordamos com Sanford (2019) que afirma que o mal é um problema que ninguém pode evitar e que ninguém pode fugir do mal quando começa a sofrer. “O sofrimento sempre traz consigo o problema do mal” Sanford (2019, p. 19). Um pouco desse sofrimento é exemplificado a seguir.

O profeta foi testemunha viva de toda a tragédia vivida pela nação, em 587 a.C.: presenciou o cerco a Jerusalém, viu o templo e os palácios serem incendiados, testemunhou com pesar a morte, a deportação de muitos companheiros para a Babilônia. Portanto, sua mensagem só pode ser compreendida como parte desse contexto. Ele foi um portavoz das esperanças do povo que permaneceu na terra, sem Templo,

sem rei, sem sacrifício, sem nação. Sua missão profética foi fundamental para manter viva a religião de Israel e a fé inabalável do povo em Yahweh (SCARDELAI e VILLAC, 2007, p. 108).

Tal que o engajamento pessoal de Jeremias é inegável, desde que foi chamado ao ministério do profetismo e ao iniciar suas pregações é inquestionável a sua dedicação a Yahweh, que é expressa, também, no celibato e luto vivenciados (Jr 16,1-13), em obediência “a palavra de Yahweh” que lhe foi dirigida.

Jeremias foi um profeta odiado. Primeiro por sua família, por ter se afastado para atender ao chamado de Yahweh. Pressupunha que o exercício do chamado profético lhe seria desafiador, tanto que implicou em renúncias: não se casar, não conviver com sua parentela, não tomar posse da herança familiar. Odiado por seu povo, pois bradava em alta voz, os juízos devido a desobediência e, por fim, odiado pelos reis e por sua corte (Jr 22,2) pelos mesmos motivos. Temer o rei poderia ter sido uma realidade na vivência do seu chamado profético, mas o fato é que mesmo que tenha havido temor, no sentido de medo, o temor no sentido de reverenciar, respeitar, prezar pela palavra de Yahweh era muito superior que o medo que o poderia paralisar. Em momento algum Jeremias ficou paralisado, ao contrário, enfrentou cada uma das consequências de suas profecias, principalmente, as delações do mal praticado pela casa real e os seus no período do imperialismo babilônico.

Neste sentido, o profeta teria sido alvo da maldade de Yahweh? Que “deus” é esse que faz o chamado e expõe o profeta? Que o faz abdicar de experiências pessoais, para viver perseguição, inimizades, necessidades, privações? Sanford (2019, p. 39) assevera que no AT “o próprio lahweh é o responsável pelo mal”, isto é, Yahweh como criador do bem e do mal, conforme ilustra alguns trechos da literatura sagrada: Am 3,6; Is 45,5-7; Is 54,6; ISm 18,10. Complementa Sanford (2019, p. 39): “[s]endo lahweh uma totalidade de opostos, tudo provém dele, inclusive o bem e o mal”. É o que o monoteísmo nos apresenta, “uma realidade subjacente a todos os acontecimentos, sejam eles bons ou maus, e que eles procedem de lahweh. Esta é uma conclusão a ser encarada sem qualquer temor” (SANFORD, 2019, p. 40). De forma que no AT há uma imagem primitiva de Deus (SANFORD, 2019). A partir dessa compreensão do mal, é que nos estribamos para asseverar que a profecia jereminiana é delatória do mal. Isto posto, conheçamos a sociedade no contexto profético de Jeremias.

4 A SOCIEDADE NO CONTEXTO PROFÉTICO DE JEREMIAS

A hermenêutica nos permite inferir uma forte e intensa repressão militar, pois Jerusalém foi invadida e sofre com duas deportações (597 e 586); bem como repressão, de ordem religiosa, caracterizada pelo culto prestado a outros deuses e a necessidade de reaver a aliança, além da corrupção e opressão. Em 598 quando a cidade de Jerusalém foi sitiada pelos babilônicos e depois invadida, foram levados os tesouros do Templo de Jerusalém e do palácio real, como também os objetos de ouro que Salomão havia fabricado. Não sem antes serem defendidos por seus proprietários, o povo de Judá! Muitos foram mortos. A literatura descreve que o próprio Nabucodonosor foi atacar a cidade. “O rei [Nabucodonosor] sabe que o Templo é um foco de nacionalismo. Não somente tira dali um espólio importante (2Rs 24,13), mas deporta membros do clero (...)" (CAZELLES, 1986, p. 190). Vários judeus foram levados cativos. Em 2Rs 24,8-16 há a descrição de como a cidade de Jerusalém foi sitiada ainda no reinado de Joaquim. Para o cativeiro foram a mãe do rei, suas mulheres, seus servos, os homens valentes, os ferreiros e os artífices, e todos os homens capazes de empunhar armas.

Diante desse mal que lhes sobreveio, a população ficou fragilizada: emocional, material, física e religiosamente. O templo, onde prestavam suas orações, fora saqueado, sua fé, atentada! Agredida! Permanecem em Jerusalém judeus sem formação profissional, logo, sem mão de obra especializada, sem orientação dos notáveis, sem um exército para os defender, consequentemente, sob maior opressão babilônica do que anteriormente. Muito indefesos! Essa violenta ação contra a fé, contra o sagrado para o povo judeu, contra a sua religião que os unia e os caracterizava enquanto povo, constituiu numa perda de referências que davam identidade à nação e, certamente, gerou uma crise de fé, também, nos que ficaram. É introduzido o reinado de Sedecias em Judá (598-587), que “fez mal aos olhos de Yahweh” (2Re 24,20), tal qual o fez Joaquim. De forma que é possível identificar e caracterizar a opressão da Babilônia, sobretudo, através dos altos tributos cobrados para a manutenção do reino, (re)estabelecendo um ciclo de exploração (COUTURIER, 2015; SICRE DIAZ e ALONSO SCHÖKEL, 1981; ROSSI, 2015; MESTERS, 2016). Economicamente, havia uma forte e densa opressão sobre os pobres (Jr 5,5). O povo judeu, certamente, passava necessidades, pois parte do dinheiro ganho era entregue

como tributo ao rei, outra parte ao sacerdote, que estava a serviço do rei e o pouco que sobrava era para a manutenção diária da família. Cazelles (1986, p. 191) adjetiva a realidade com a expressão de que “o tributo era pesado!”.

A autonomia política de Judá foi aniquilada, pois a Babilônia adota a mesma inovação opressora criada por Tiglat-Pileser III. Uma estratégia organizada que implicou em demonstração de força, tornando Judá vassalo, com pagamento anual de tributo e impostos aumentados; intervenção das tropas do império, ao menor sinal de ameaça ou conspiração; destituição e substituição do rei, por alguém favorável ao império; controle eficaz da política exterior; diminuição do território; deportação de grande número de habitantes, que eram substituídos por estrangeiros com o objetivo de destruir a coesão nacional e impedir novas revoltas (ROSSI, 2008).

Ainda assim, Sedecias se rebela contra a Babilônia e se recusa a pagar tributos. Há um novo cerco de Jerusalém que deixa a população sem condições de sair, ou que alguém, ou alguma coisa, entre na cidade. O povo ficara faminto! Enfraquecido! Alguns guerreiros tentam escapar, assim como o rei Sedecias. Todos são pegos! A calamidade sobressai sobre Jerusalém: guerra, fome, miséria, perseguição, ódio e injustiça social. “Politicamente o exílio representou o trágico fim da independência nacional com a queda da dinastia davídica no reino de Judá” (SCARDELAI e VILLAC, 2007, p. 103). Em 587 termina o Reino de Judá, os judeus são deportados para a Babilônia. Deste modo o povo de Yahweh estava exilado.

(...) com o exílio, o povo viu desmoronar rapidamente os principais referenciais que davam suporte à existência política, nacional e religiosa ao Reino de Judá. Alguns desses símbolos eram bem visíveis ao povo: Jerusalém, Templo e altar dos sacrifícios, Monarquia (realeza de Davi e Salomão), sacerdotes (SCARDELAI e VILLAC, 2007, p. 104).

A violência estava estampada na vida cotidiana dos judeus! Era uma realidade terrível! O rei Sedecias pego em sua fuga, tem seus olhos furados, mas, antes, assiste ao massacre de seus filhos (2Rs 25,7). A descrição da história sinaliza uma resistência de Jerusalém ainda que sem rei, numa luta árdua, até o fim. Foram executados o sumo sacerdote e dignitários religiosos (2Rs 25,18), e ainda autoridades militares e civis (CAZELLES, 1986). Jerusalém estava totalmente destruída! O templo, o palácio real e as casas de Jerusalém, incendiados. O que era de bronze foi quebrado e o que

era de ouro foi roubado. Nesse panorama de caos social, político, econômico e religioso, de derramamento de sangue, inclusive de sangue inocente (Jr 22,4), que Jeremias proferiu delações do mal. Vejamos no que consistiam tais delações.

5 AS PROFECIAS DE JEREMIAS

No livro de Jeremias Yahweh é apresentado como o Senhor da história universal e não somente um deus nacional, mas o Deus de toda a humanidade (ROSSI, 2015). De forma que, no ministério profético de Jeremias “é inquestionável a sua dedicação a Yahweh e sua opção pelo povo pobre e sofrido é de um colorido excepcional” (ROSSI, 2015, p. 14). Defensor da fidelidade radical à aliança e da confiança absoluta em Yahweh, Jeremias opõe-se violentamente aos pactos políticos que os sucessores de Josias concluem com os egípcios para enfrentarem os babilônios. Essa realidade, corrobora com a imagem primitiva de Deus no AT, ratificando Yahweh como criador do bem e do mal.

Jeremias conhecia muito bem a desobediência de Judá: em 5.11 trata da sua infidelidade; em 5.28 assevera a falta de justiça e direitos dos órfãos; em 7.20-27 descreveu a desobediência; e em 13.8-11, a sua indignação com a maldade do povo. Em 604, Jr 36.30 relata que o trono de Davi sofrerá interrupção hereditária, como consequência da decisão insensata do rei Joaquim em queimar o livro ditado por Jeremias e escrito por Baruc. No ano 605, Jeremias profere que Judá será entregue à Babilônia (Jr 20.5). O povo se revolta e fica contra o profeta. E em 26.13 o próprio Yahweh anuncia o mal.

Em 593, o profeta declara que a terra será dada à Babilônia (27.6), ratificando o que fora dito pouco mais de uma década atrás. Em Jr 27.11 há o relato de que os utensílios da Casa de Deus irão para a Babilônia e no verso 17 o fato de que é propósito de Yahweh que o povo judeu sirva àquele império. No capítulo 28 a simbologia é adotada para descrever como a Babilônia exercerá governo sobre os judeus: com jugo de ferro! Em 588 Jeremias profetiza “a favor” dos caldeus, afirmando que o povo judeu deve se render aos babilônios. Jeremias não era cego quanto a ação devastadora do império babilônico sobre Judá. O profeta tinha consciência das maldades violentas praticadas pelo império subjugador. Em 593, o profeta declara os castigos que sobreviriam sobre

a Babilônia em parte do capítulo 51. Isso, antes mesmo de Judá ser cativa ao exílio. A punição para a Babilônia fora predita e ocorreu mais tarde quando foi vencida pelos persas.

Ao que parece o povo judeu aprendeu rápido e reproduziu a subjugação sofrida, exercendo-a sobre seu próprio povo. Os capítulos de 1 a 25 são compostos de oráculos, de denúncia, onde são apontados os males do próprio povo de Yahweh. Parte dos capítulos 21 a 24 e 26 a 29 são mensagens dirigidas aos reis de Judá, ao povo de Jerusalém, aos reis das nações e aos exilados. São ordens de Yahweh para se submeterem à Babilônia. Os oráculos sobre a casa real se resumem em velar pela justiça e juízo. Tratam de acusações contra a monarquia e os reis, em particular, por sua responsabilidade pelo juízo de Yahweh. A exigência fundamental é o cuidado pela justiça por meio da proteção aos estrangeiros, órfãos e viúvas. É feita uma convocação para que o rei Sedecias e a sua corte ouçam as exigências e as promessas, bem como as consequências para o caso de romperem a aliança.

Jeremias 22.1-5 destina a crítica a um rei, individualmente, e a sua corte, compõem uma série de oráculos dirigidos, nominalmente, a personagens e grupos, destacam Sicre Diaz e Alonso Schökel (1981). O profeta enfatiza a ação omissa do rei, critica pessoas da elite: “os teus servos e o teu povo, que entram por estas portas” (Jr 22, 2b) (GUNNEWEG, 2005). Profetiza insistindo na retidão pessoal do povo judeu, mas também exerceu o papel de orientador político, com uma pregação político-profética. Orienta os reis a se submeterem a Nabucodonosor, rei da Babilônia, mas não é ouvido! O profeta alerta para a prática do direito e da justiça, e, em tom de ordem, afirma que a opressão não deve ocorrer contra o estrangeiro, o órfão e a viúva. Jeremias requer do seu povo, que foi estrangeiro e muitos levados cativos, que não oprime os que se encontram em condição análoga.

A palavra em hebraico adotada no verso 3b é **רִאשָׁק** . Rossi (2008, p. 32) assevera que *ashaq* significa “oprimir”, ‘obter pela força’, e posteriormente ‘tomar por extorsão’. (...) pode designar várias formas de injustiça, (...): explorações econômicas, sentenças injustas, administrações arbitrárias e medidas violentas”. A condição do oprimido era de muito sofrimento, e, não obstante, essa realidade presente no cotidiano do povo de Judá, a sua postura não é diferente para com o próximo. Ao

contrário, há a reprodução da exploração, certamente, em reação muito maior, visto que num encadeamento, se explora o já explorado.

6 CONSIDERAÇÕES

Enviado para manifestar a vontade de Yahweh e para ser o seu próprio sinal, o profeta Jeremias tem toda a sua vida conformada à mensagem profética, tal que suas palavras, suas ações, sua vida particular, tudo é profecia. Sua mensagem é endereçada a seus contemporâneos e o conteúdo de seu discurso relaciona-se com os acontecimentos cotidianos e reflete a preocupação com o povo. Delatar o mal: a precariedade de vida imposta à sociedade, a pobreza, a violência (ROSSI, 2008), a opressão, a exploração, os assassinatos, desnuda a realidade vivida que ninguém menciona. Exceto o profeta! A realidade não lhe passou desapercebida. Jeremias entendeu e demonstrou que o mal que sucedia ao povo não era o resultado do destino ou da vontade de Yahweh, mas era consequência da ação daqueles que estavam sendo delatados, isto é, a casa real de Judá e todos os que entravam por suas portas (22,2).

A atuação dos profetas foi expressiva durante a monarquia, assevera Vasconcellos e Silva (2009), sobretudo nos momentos de tirania. “Quanto maior a opressão, mais forte é a reação por parte da profecia” (VASCONCELLOS e SILVA, 2009, p. 119). Para Gunneweg (2005) o profetismo clássico de Israel é grande e único, pois retrata os problemas sociais da época no contexto da subjugação do povo pelo império babilônico. De forma que na profecia clássica de Jeremias, o caráter delatório recai sobre ações de opressão, sobre várias formas de injustiça: explorações econômicas, sentenças injustas, administrações arbitrárias e medidas violentas, tal como ocorria na sociedade judaica no contexto do imperialismo babilônico. Babilônia explorava Jerusalém/Judá e a casa real de Judá explorava seu povo, incluindo os estrangeiros.

A delação do mal proferida por Jeremias destina-se especificamente a Casa real de Judá em Jr 22,1-5. Outrossim, não podemos deixar de mencionar que tal denúncia também recai sobre o império Babilônico, claramente não citado, mas que compõe o ciclo da opressão nas suas várias formas de injustiça. Considerando que o mal pode ser concebido como o contrário de se fazer o bem evocado por Yahweh na aliança

davídica, o povo judeu, sofreu as consequências do seu próprio mal, ao desobedecer a aliança. E, principalmente, por desobedecer às ordens de Yahweh proferidas pelo profeta Jeremias. Yahweh criador do bem e do mal (SANFORD, 2019) se revelou ao povo judeu por meio da profecia de Jeremias no contexto do imperialismo babilônico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAZELLES, Henri. *História política de Israel: desde as origens até Alexandre Magno*. [tradução Cácio Gomes]. São Paulo: Paulus, 1986.
- COUTURIER, Guy P. Jeremias. In: BROWN, R. E.; FITZMYER, J. A.; MURPHY, R. (Editores). *Novo Comentário Bíblico de São Jerônimo: Antigo Testamento*. São Paulo: Academia Cristã/Paulus, 2015.
- GUNNEWEG, Antônia H. J. *Teologia bíblica do Antigo Testamento*. Uma história da Religião de Israel na perspectiva bíblico-teológica. Tradução: Weber Fuchs. Revisão: Haroldo Reimer. São Paulo: Editora Teológica: Edições Loyola, 2005. Série biblioteca de estudos do Antigo Testamento.
- MESTERS, Carlos. *O profeta Jeremias um homem apaixonado*. São Paulo: Paulus/CEBIS - Centro de Estudos Bíblicos, 2016.
- ROSSI, Luiz Alexandre Solano. *Cultura militar e de violência no mundo antigo. Israel, Assíria, Babilônia, Pérsia e Grécia*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2008.
- ROSSI, Luiz Alexandre Solano. *Como ler o livro de Jeremias. Profecia a serviço do povo*. São Paulo: Paulus, 2015.
- SANFORD, John A. *Mal o lado sombrio da realidade*. São Paulo: Paulus, 1988.
- SCARDELAI, Donizete; VILLAC, Sylvia. *Introdução ao primeiro testamento: Deus e Israel constroem a história*. São Paulo: Paulus, 2007.
- SICRE DIAZ, J. L. e ALONSO SCHÖKEL, L.. *Grande Comentário Bíblico Profetas I*. São Paulo: Paulus, 1981.